

MÍDIAS SOCIAIS E HISTÓRIA: UM NOVO ESPELHO E OS VÁRIOS REFLEXOS DE CLIO

SOCIAL MEDIA AND HISTORY: A NEW MIRROR AND VARIOUS REFLECTIONS OF CLIO

MEDIOS SOCIALES E HISTORIA: UN NUEVO ESPEJO Y VARIOS REFLEXIONES DE CLIO

Sílvio Ricardo Gouveia Cadena¹

Resumo

Frente a um novo espelho, as mídias sociais digitais, quais reflexos vislumbrará Clio, musa grega da História? Em uma sociedade conectada e fortemente marcada pela grande difusão de informações oriundas da *web* acaba-se por gerar uma dispersão dos saberes, onde o monopólio acadêmico e escolar é posto em xeque. Diante disto, o presente trabalho propõe reflexões a partir da dissertação *Narrativas digitais e a História do Brasil: uma proposição para a análise de memes com temáticas coloniais e seu uso nas aulas de História* e visa a abordagem de tais peças propagadas no ciberespaço como representações da memória e práticas sociais que podem oportunizar a construção de sentidos para história naqueles que as acessam. Também, apontaremos para algumas formas sobre como o passado vem sendo mobilizado.

Palavras-chave: História; memória; *memes*; Facebook.

Abstract

In front of a new mirror, the digital social media, what reflections will Clio, Greek muse of history? In a connected society and strongly marked by the great diffusion of information coming from the web, it ends up generating a dispersion of the knowledge, where the academic and scholar monopoly is put in check. Given that, the present work proposes reflexions from the dissertation, *Digital narratives and the history of Brazil: a proposition for the meme analysis with colonial themes and their use in History classes* and seeks to approach these materials spread in the internet as representations of memory and social practices that can enable the construction of meaning for history in numerous individuals who access. Besides that, it will be pointed out some ways of how the past is being mobilized.

Keywords: History; memory; memes; Facebook.

Resumen

Frente a un nuevo espejo, los medios sociales digitales, ¿qué reflexiones hará Clio, musa griega de la historia? En una sociedad conectada y fuertemente marcada por la gran difusión de informaciones proveniente de la web, termina generando una dispersión del conocimiento, donde el monopolio académico y académico se pone en jaque. Por lo tanto, el presente trabajo propone reflexiones de la disertación *Narrativas digitales y la Historia de Brasil: una propuesta*

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

para el análisis de memes con temas coloniales y su uso en clases de historia y tiene como objetivo abordar las piezas propagadas en el ciberespacio como representaciones de la memoria y prácticas sociales que pueden permitir la construcción de significados para la historia en aquellos que acceden a ellos. Además, señalaremos algunas formas de cómo se ha movilizadado el pasado.

Palabras clave: Historia; memoria; memes; Facebook.

Introdução

Em um puro exercício imaginativo, pensemos por um instante na mítica figura de Clio, musa grega da História, que ao se contemplar diante de um espelho percebe que o mesmo reflete uma miríade de seus reflexos. Filha de Zeus e de Mnemósine, a deusa da memória, ao segurar tal elemento em sua mão, dá-se conta que os feitos humanos são contados e recontados das mais distintas formas e com diferentes intenções de uso.

Se em *História e História Cultural* Pesavento (2004, p. 7) ressalta a faceta de Clio mais difundida naquele momento, a História Cultural, em nossa alegoria acima o espelho que reflete a multiplicidade da História, a diversidade de seus autores e as funções que elas vêm a adquirir, que, neste caso, seriam as mídias sociais. Entre elas, sobretudo, destaca-se o Facebook,² por seu grande número de utilizadores em nosso país e seus inúmeros *memes* que mobilizam o passado com variadas intenções.

A partir da miríade vislumbrada por Clio, é pertinente realizarmos algumas reflexões que se originam diante de seu espelho. A primeira delas consiste na produção da História. Caberia apenas aos acadêmicos sua escrita? Já a segunda, questiona qual o papel desempenhado pela memória na constituição dos saberes históricos, em específico aqueles verificados nos *memes* circulados no Facebook. Na terceira, refletiremos, de maneira breve, tendo em vista os limites espaciais de um artigo, mas não superficial, algumas formas como estas peças midiáticas têm mobilizado o passado.

² Baseado em dados de até abril de 2017, o portal de pesquisas britânico (Statista), aponta o Brasil no 3º lugar do *ranking* dos países com mais contas ativas nesta rede social, com 193 milhões de usuários. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

Figura 1: Clio e seu espelho



Fonte: Imagem produzida pelo autor

Diante do espelho, a primeira reflexão: quem faz a História?

Antes de discutirmos acerca de quem produz a História, é conveniente pensarmos o local onde sua difusão tem tido grande visibilidade, o ciberespaço. Compreendido anteriormente em contraposição às relações pessoais, em nossos dias faz parte da rotina de inúmeros sujeitos a partir da utilização da *web* e as trocas nela realizadas. Principalmente a partir da frequência e utilização das mídias sociais como Whatsapp, Twitter e Facebook. Nelas, indivíduos e grupos criam e compartilham opiniões e informações. Eis o nosso alegórico espelho de Clio. Tal local está cada vez mais distante de ser meramente virtual, tendo em vista sua influência na vida prática das pessoas. Neste espaço, diante da grande quantidade de conteúdos, cabe questionarmos se mais produzimos ou somos consumidos por eles.

Assim, o ciberespaço oportuniza o que Martin-Barbero (2000, p. 54) diz estarmos vivenciando, um ecossistema informativo que se caracteriza pela falta de centralização dos saberes. O monopólio exercido pelos sistemas de educação formal,

como escola e universidade, já não ocupa a centralidade de outrora. Esta diminuição de legitimidade acaba por interferir nos espaços escolares, por exemplo, como o dissipar da hierarquia docente sobre os alunos, assim como os saberes escolares e aqueles experimentados fora dela.

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional (MARTIN-BARBERO, 2000, p. 55).

Não diferente das outras áreas de conhecimento, os saberes históricos também se encontram difundidos nesses outros locais. Segundo Cerri (2010, p. 269), a construção da consciência histórica, ou seja, os sentidos que nós damos as relações temporais não estariam circunscritos às salas de aula de História, também ocorrendo em diversos espaços.

Fagundes (2014, p. 18) nos aponta o distanciamento entre a produção historiográfica acadêmica e a vida prática de homens e mulheres, que acaba por gerar certo descrédito na utilidade da História enquanto ciência, no senso comum do brasileiro. Algo paradoxal, segundo o autor, pois as outras formas em que a história tem se apresentado, por meio de filmes, séries, novelas, livros etc., têm encontrado grande alcance entre a população. E podemos falar que, da mesma forma, páginas que estão na mídia social Facebook com conteúdos ligados à História. Elas também têm sido capazes de alcançar um bom número de seguidores a partir da propagação de *memes* que utilizam personagens e/ou fatos históricos. Desta forma, as narrativas históricas produzidas para o ciberespaço, muitas vezes realizadas por não profissionais da História, ganham uma grande amplitude de público, o que nem sempre é bem visto pelos especialistas. Isto ocorre, sobretudo, a partir do entendimento de alguns historiadores de que a História seria uma propriedade intocável, única e exclusiva, e que sua retirada da torre de “marfim” e seu uso por demais profissionais ou sujeitos a desvirtuaria por não atenderem critérios de cientificidade. O preconceito também pode ser visto entre os próprios historiadores, principalmente os que adentram o mercado editorial e atingem números expressivos de vendas. Todavia, vale destacar que a ressalva dos historiadores reside na falta de conhecimento e/ou desconsideração das especificidades do método histórico e seus referenciais por parte de outros estudiosos.

Soma-se a isto, um contexto no qual a História sofre ataques e o negacionismo ou falso revisionismo tem ganhado cada vez mais espaço. Como ilustração disto, temos a fala do presidente da República Jair Bolsonaro, ainda candidato à época, no programa de televisão *Roda Viva*,³ em julho de 2018, onde afirma que “o português nem pisava na África. Foram os próprios negros que entregavam os escravos”. Sua afirmação, além de equivocada, tinha o notório intuito de responsabilizar os negros pelo tráfico e, desta maneira, deslegitimar os argumentos que lastreiam as políticas afirmativas, como as cotas raciais.

Contudo, reconhecer que a História “não tem donos” talvez seja um passo importante para que possamos olhar suas diversas manifestações, nos mais distintos espaços, com menos preconceitos e de forma a compreendê-las como leituras possíveis e também passíveis de análise. Todavia, ressaltamos que tal perspectiva não tem a intenção de minimizar o valor das produções historiográficas. Longe disso, o ponto está em estabelecer diálogos, como apontam neste sentido as perspectivas historiográficas da História Pública e da Didática da História.

Segundo Mauad, Santhiago e Almeida (2016, p. 12), os estudos dentro do campo da História Pública não têm como foco apenas a figura do historiador como produtor e o público como mero receptor. Desta maneira, estes autores estariam contribuindo para o debate sobre uma história “feita para, com e pelo público”. Segundo Santhiago (2016, p. 23-25), expedientes muito semelhantes do que se tem hoje como História Pública se deram por meio de profissionais de outras áreas do conhecimento, como advogados, jornalistas etc., e que haveria histórias públicas institucionais ou não, a serem sistematizadas. O autor afirma que no início as produções deste campo foram orientadas principalmente através do ponto de vista do profissional de história se inserindo na cultura das mídias. Entretanto, informa que a produção hoje acontece apoiada em quatro engajamentos base e possíveis de se relacionarem. A primeira seria a história feita para o público, a segunda trata-se daquela feita com o público, a terceira, aquela feita pelo próprio público, e a quarta, realizada entre história e público.

A essas outras Histórias, que não a acadêmica e a escolar, segundo Bergmann (1990, p. 31), caberia a tarefa normativa da Didática da História analisar. Ou seja, observando as várias formas de representação da História nos ambientes extraescolares, como os *mass media*, por exemplo. Ainda destacando a importância que tais

³ O trecho do referido programa *Roda Viva*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vtbXWVEWl88>>. Acesso em: abr. 2018.

representações possuem, pois de alguma maneira, afetam as produções acadêmicas e escolares.

[...] A partir dessas intenções, a didática se vê obrigada a incluir em seus objetos de sua pesquisa empírica também recepções extraescolares de História. Dessa forma, ela não apenas tematiza a História regulada e disciplinada pela ciência e pelo ensino, mas também abarca a História transmitida no processo de socialização, que não é filtrada por nenhuma disciplina científica. Na medida em que se investiga o significado e a importância do mundo vivido fora das instituições científicas e escolares, sua formação e qualidade e seus efeitos para a formação da consciência histórica, a Didática da História dá uma contribuição fundamental para aquele fator subjetivo transmitido socialmente, que está até certo grau presente nos procedimentos epistemológicos de cientistas e estudantes, envolvidos em reconstruir a ação e o sofrimento humano do passado em vários níveis (BERGMANN, 1990, p. 32).

As recepções originadas a partir dos campos não formais do conhecimento, ou extraescolar, como nomeia Bergmann, sobretudo realizadas a partir dos *memes*, podem ser compreendidos como objetos de investigação para Didática da História. Sobretudo, que tal campo entende que a atuação do ser humano no mundo precisa de uma interpretação a partir de suas experiências e memórias.

Uma segunda reflexão, que papel desempenha a memória na construção da História e seus sentidos?

Clio, diante do espelho, se dá conta de que, na miríade de reflexos ali visualizados, sua mãe, Mnemósine, a Deusa da Memória, também é reverberada. Inclusive, o próprio conceito de *meme* a ela não apenas faz alusão, como também se encontra intrincado.

Estabelecido como um referencial analógico ao gene, o *meme*, é tido como uma unidade de transmissão cultural. Conceito com nomenclatura derivada da palavra grega para cópia, “Mimeme”. Entretanto, o autor do conceito, Dawkins (2001, p. 123), destaca que ela poderia estar também ligada a memória. Deste modo, e a partir de tal relação, não fica difícil inferir que o *meme* possui grande influência na constituição de identidades.

Embora pesquisadores da área de comunicação social, como Limor Shifmam (2014) e Viktor Chagas (2016), por exemplo, tenham criado proposições taxonômicas

para o que venham a ser *memes* de internet, qualificando-os como um fenômeno de linguagem e que através deles se poderia compartilhar ideias extremamente complexas de maneira simplificada por meio de frases e imagens, os mesmos ainda mantêm a ideia central de Dawkins, o *meme* como agente de transmissão cultural e cópia. Entretanto, isto não significa afirmar que estas peças digitais não possam vir a sofrer reapropriações em sua circulação nas mídias sociais e que não estejam, em maior ou menor grau, ligados a memória, mormente quando nos detemos sobre aqueles que utilizam a História. Deste modo, podemos deduzir que os *memes* históricos possuem grande relação com a memória, principalmente aquelas mais cristalizadas.

Diante da compreensão do *meme* como capaz de transmitir cultura e memória, é possível entendê-lo como uma fonte possível para a História. Para Diehl (2002, p. 116), a memória constitui-se de experiências já consolidadas do passado “facilmente localizável”. Ademais, possui a faculdade de ser “renovada” historicamente por levar em consideração contextos, quer dizer, tem a capacidade de se amoldar a necessidades do tempo vivenciado por uma dada pessoa.

A discussão sobre o aspecto de como a pesquisa histórica deva lidar com a memória como armazém informativo-factual e fontes de representação da cultura historiográfica do passado ainda é uma questão em aberto. Mesmo com essa dificuldade, alguns pontos podem ser mapeados em relação à memória, tais como: a necessidade de contextualidade do objeto da memória como agente rememorador; a necessidade de temporalidade; a necessidade da narrativa (da poética) e, finalmente, a necessidade de sua problematização (DIEHL, 2002, p. 120).

A questão da narrativa apontada por Diehl se apresenta como de forte importância para Rüsen (2015, p. 50), pois ela é uma das maneiras pelas quais a memória se manifesta. Através dela a interpretação da experiência histórica expõe o saber histórico. Para o autor, a narrativa seria como uma “materialização” da função explicativa no momento em que conferimos significados às relações com o tempo que antes careciam de interpretação.

O narrar recorre igualmente ao construto mental de um contexto geral de eventos. Trata-se, contudo, de um contexto todo especial: o do processo do tempo, que se estende com e pelos eventos, que não desaparecem nele, mas antes são por eles sustentados (RÜSEN, 2015, p. 50).

Os *memes*, por meio de suas narrativas, impulsionam outra propriedade da constituição histórica de sentido, que vem a ser o seu perfil comunicativo. Segundo o autor, isto não ocorreria de maneira individual, mas sim por meio de variáveis sociais. Destacamos que ao confeccionar-se um *meme* não existe a intenção de deixá-los presos em computadores pessoais, é patente que sua realização guarda o intuito de circulação nas mídias sociais, sendo compartilhadas e expostas. Logo, na imensa profusão de postagens na *web* não há espaço para apenas uma proclamação,⁴ mas sim várias, no espelho cibernético que Clio segura em suas mãos.

Manguel (2001, p. 24), referindo-se às imagens e suas narrativas, argumenta que “formalmente as narrativas existem no tempo, e as imagens no espaço”. Ou seja, as imagens estariam presas a um suporte. Já as narrativas que poderiam se originar das imagens seriam variáveis de acordo com o tempo, sendo as leituras dependentes deste último fator.

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, fotografadas, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável (MANGUEL, 2001, p. 27).

Assim, tendo em vista possibilitar a visualização das narrativas originadas das leituras dos *memes*, compreendemos que a narrativa não está apenas nos elementos contidos em uma dada imagem, e nossa ideia é ir além da “moldura”. Neste intento se faz necessário considerar outros elementos que nos auxiliam, como o contexto no qual dada peça surgiu, a tensão entre representação e evidência e possíveis interpretações de intencionalidade de seus criadores.

A terceira reflexão: os *memes* e a mobilização do passado

Partindo-se da prerrogativa do *meme* como uma representação da memória e, indo além, entendendo-o como uma prática social, compreendemos como necessário aperceber-se que muitos destes *posts* que fazem uso do passado localizam-se em uma esfera social e estariam associados a questões político-ideológicas. Não diferente de

⁴ A Musa Clio, da História, “Proclamadora” dos tempos passados, segundo o Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação – Povo de Clio. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/cliio/index.php/apresentacao/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

outros espaços, as mídias sociais também são locais para disputas políticas, com construções de variadas narrativas, especialmente diante do atual momento experimentado pelo país, desde 2014, com a reeleição da presidenta Dilma Rousseff e o golpe de Estado de 2016. Tal situação tem propiciado grande acirramento ideológico e reverberado em um grande número de *memes* nas redes sociais. E como não é difícil de imaginar, dada a estreita ligação entre História e política, afinal, Clio é tida como a fiadora das relações políticas⁵ entre as nações, tais peças digitais acabam por mobilizar o passado de maneira a fornecer explicações para as questões de nossa contemporaneidade. Comumente, os usos da História na produção dessas narrativas digitais visam legitimar e/ou questionar determinadas visões de mundo.

Também é possível observarmos que alguns *memes* históricos são dotados de teor bélico e de incitação ao ódio contra aqueles que politicamente pensam diferente e que defendem os direitos humanos. *Posts*⁶ que partem na defesa do período da ditadura militar e louvação a personagens como o coronel Brilhante Ustra⁷ não são raros no período de nossa coleta, evidenciando um contexto político conservador. A utilização destas figuras históricas, bem como a de Hitler, acabam por naturalizar a violência que por eles foram cometidas, bem como banalizam o sofrimento de vários sujeitos. *Memos* como o da figura 2 colaboram com a narrativa de que o regime militar teria sido benéfico para o país e também exemplar para o tempo presente, na medida em que a imagem de Ustra é tratada como heroica. Tal *meme* se encontrara em plena sintonia com os pedidos de intervenção militar presentes em manifestações durante o processo de *impeachment*/golpe e anteriores a este. Nestes protestos eram elencadas razões como: “naquela época não havia a corrupção. Havia homens de bem”, ou “queremos nosso país de volta”.⁸ Possivelmente tais representações do passado são fruto, entre outras

⁵ Tal característica de Clio é apontada pelo verbete na Wikipédia e em alguns outros sites da internet. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Clio>>. Acesso em: 10 out. 2017.

⁶ Podem ser compreendidos como publicações de textos e/ou imagens nas mídias sociais ou blogs, todavia, neste texto utilizamos a expressão como um sinônimo de *meme*.

⁷ Foi coronel do Exército Brasileiro e chefe do DOI-Codi. Reconhecido por práticas de tortura contra aqueles que se posicionavam contrários à ditadura civil-militar, iniciada em 1964.

⁸ Frases como estas foram apuradas em diversas manifestações, como podemos verificar em links de matérias jornalísticas, Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/blogs/direito-e-sociedade/quero-meu-pais-de-volta/>>. Acesso em: 10 jan. 2017; <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-pedem-intervencao-militar-com-base-em-regra-que-nao-existe-na-constituicao,1668381/>>. Acesso em: 10 jan. 2017; <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/03/manifestantes-no-recife-pedem-intervencao-militar-no-brasil.html>>. Acesso em: 10 jan. 2017; <<https://www.brasil247.com/pt/247/sp247/246869/Na-Paulista-anti-Dilma-pedem-volta-da-ditadura.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

coisas, de uma História forjada a partir do nacionalismo, dos grandes heróis da nação e seus feitos, junto a isto o já citado contexto conservador.

Figura 2 – Ustra vive



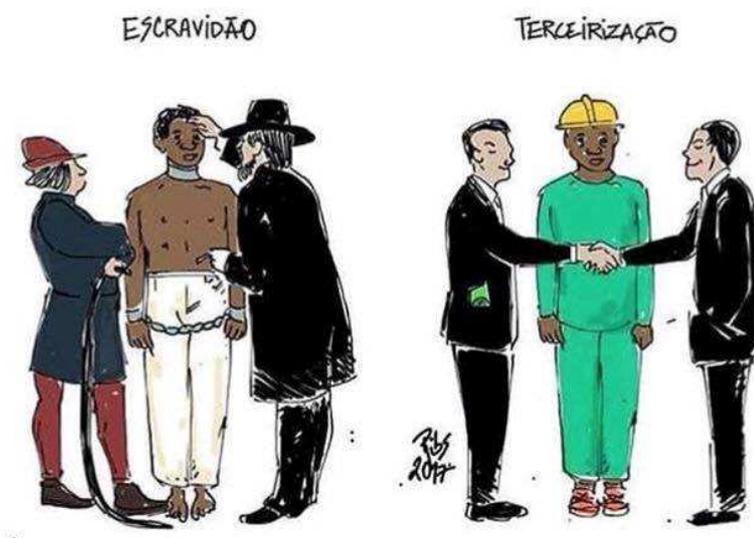
Fonte: Página do Facebook Jovens de Direita, 5 jul. 2016. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/jovensdedireita/photos/a.1392561270986141/1734466556795609/?type=3&theater>>. Acesso em: 7 fev 2017.

Dentro de nossa função cidadã está a luta por uma sociedade que respeite as diferenças e seja mais justa, portanto, devemos estar atentos e enfrentar tal tipo de discurso. Enquanto professores de História nos é imputada uma responsabilidade ainda maior. Segundo Bergmann:

Mesmo nesta tarefa empírica de investigação, a Didática da História nunca está orientada numa dimensão exclusivamente descritiva, mas, pelo contrário, investiga esta consciência Histórica na intenção de impedir que se transmita ou amplie orientações práticas ou motivações e práticas historicamente superadas (BERGMANN, 1990, p. 32).

Os usos do passado por meio dos *memes* não se limitam à utilização da ditadura militar, mas também recorrem ao nosso período colonial numa construção de narrativas que buscam por apontar permanências e similitudes com nossos dias, especialmente a partir de analogias com a escravidão e questões socialmente importantes em nossos dias, como reformas trabalhista e previdenciária. Isto pode ser verificado no *meme* da figura 3. Ele pode ser dividido em dois momentos de apreciação. No primeiro deles, exibe a palavra “Escravidão” logo acima e, abaixo, a figura de um escravizado negro, sem camisa e descalço, cercado por dois homens brancos. Isto nos indica uma negociação do cativo, a julgar pela ação do homem que está verificando seu rosto, como se examina um produto com o intuito de comprar. O outro personagem branco, à esquerda, segura um chicote em suas mãos que, considerando a cena, nos leva a crer que se trata de um mercador de cativos. No segundo momento, podemos ler a palavra “Terceirização” e abaixo uma cena também composta por dois homens brancos e um negro entre eles. As roupas dos personagens mostram que a situação retratada é nossa atualidade. Os brancos estão vestidos de terno e gravata e cumprimentam-se como se tivessem fechado um negócio. O negro apresenta uma farda e capacete, indicando sua condição de trabalhador. Como no momento anterior, é possível lermos através da imagem que em ambos os casos as figuras negras são tidas como “meras” mercadorias. Tal situação demonstrada pelo *meme* reflete o que Souza (2017, p. 40) chama de “reprodução do sistema escravista ainda que sob condições modernas”.

Figura 3 – Escravidão e Terceirização



Fonte: Página do Facebook Inca Venuziano, 24 mar. 2017.

Disponível em:

<<https://www.facebook.com/jotacameloooficial/photos/a.314157345438919.1073741830.313635332157787/694984324022884/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

Diante das elucubrações possíveis de Clio perante seu novo espelho, compreendemos que há uma grande necessidade de direcionar nossa atenção ao ciberespaço enquanto local de vivências dos alunos (e não apenas deles) e de produção de informação, que, muitas vezes, carregam potencial contribuinte para a formação da consciência histórica. Igualmente deve-se dar a problematização dos *memes* compartilhados nas mídias sociais. Especialmente aqueles com teor histórico e temáticas que possam ser socialmente relevantes para a vida prática dos sujeitos, em específico, de alunos e alunas, quando pensamos no campo do Ensino de História. Isso posto, compreendemos como significativo o desdobramento de estudos acerca desta problemática, tanto na produção do conhecimento acadêmico, quanto nas salas de aula.

Referências bibliográficas

BERGMANN, Klaus. História na reflexão didática. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 19, v. 9, set.1989-fev. 1990.

CERRI, Luís Fernando. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 15, n. 2, p. 264-278, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2380/1875>>. Acesso em: 20 out. 2014.

CHAGAS, Viktor. A febre dos *memes* de política. Encontro Anual da Anpocs, 2016, Caxambu. *Anais do 40º Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu, 2016. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8/10320-a-febre-dos-memes-de-politica/file/>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001. Coleção O Homem e a Ciência, vol. 7.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, 2002.

EU ERA DIREITA E NÃO SABIA. *Meme Exaltação a Ditadura Militar de 1964*. 31 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/eueradireitaenaosabia/photos/a.446387198893634.1073741828.445300615668959/621760698022949/?type=3&theater>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. É possível fazer tábula rasa do passado... E do presente dos historiadores?. In: DELGADO, Lucila de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *História do Tempo Presente*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

INCA VENUSIANO. *Meme Escravidão e Terceirização*. 24 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jotacameloooficial/photos/a.314157345438919.1073741830.313635332157787/694984324022884/?type=3&theater>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

JOVENS DE DIREITA. *Ustra Vive*. 5 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovensdedireita/photos/a.1392561270986141/1734466556795609/?type=3&theater>>. Acesso em: 7 fev. 2017.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. *A Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 18, n. 51 a 61, mai.-ago. 2000.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da História como ciência*. Curitiba, Ed. UFPR, 2015.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Massachusetts: MIT Press, 2014.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.